

# Elogio do Prof. Dr. Manuel Farinha dos Santos

---

João Luís Cardoso

O Professor Manuel Luís de Macedo Farinha dos Santos nasceu a 24 de Agosto de 1923, na freguesia da Penha de França, da cidade de Lisboa, vindo a morrer nesta mesma freguesia, a 29 de Setembro de 2001.

Depois de desistir de ingressar no Instituto Superior Técnico, a que se candidatara por influência de sua Mãe, que o queria engenheiro, matriculou-se no curso de *Ciências Histórico-Filosóficas*, da Faculdade de Letras de Lisboa, em 1942, com 19 anos.

Como aluno voluntário, ia tirando, simultaneamente, os cursos de *Árabe* e de *Sânscrito* no Instituto de Línguas Orientais da Escola Superior Colonial, convivia com poetas e artistas, decorava extensos trechos de “Os Lusíadas” e de outros poemas, actuava no Grupo Coral do Clube da Estefânia e embrenhava-se no estudo das principais religiões, dos seus livros sagrados e rituais, numa actividade intensa e polifacetada, condizente com a sua sede de participar, de aprender e de saber, fascinado pela natureza humana e seus mistérios.

Ao serviço do Ministério do Ultramar, partiu para o Oriente em Agosto de 1954; cumprida a missão oficial, regressou em Outubro de 1956, enriquecido pelos contactos com outras gentes e a visita a ruínas esquecidas de velhas civilizações, que lhe aguçaram a paixão pela Arqueologia.

Já com 34 anos, matriculou-se nas disciplinas que lhe faltavam na Faculdade e começou a pensar na dissertação de licenciatura, então obrigatória. Entre as múltiplas actividades referidas, tornou-se leitor atento das obras de Leite de Vasconcellos e frequentador de um curso livre de *Arqueologia*, ministrado por Afonso do Paço, que viria a ser seu antecessor na Cadeira nº. 9 desta Academia, num 1º andar do Largo do Mitelo; resolveu-se, assim, a apresentar como prova final do Curso, uma dissertação em *Arqueologia*. Já então dispunha de dois ingredientes essenciais ao sucesso de qualquer empresa:

a vontade de saber e a capacidade de realizar, atributos que viria a conservar pela vida fora.

Concluída a Licenciatura, em Julho de 1958, com a nota final de Bom (numa época em que as classificações de Bom eram raras, mormente as atribuídas pelo severo Professor Heleno), Manuel Farinha dos Santos foi por este convidado para segundo assistente da Faculdade de Letras de Lisboa, no ano lectivo de 1959/1960. Iniciou-se, então, nova etapa da sua vida. Ciente de que o ensino da Arqueologia requeria uma forte e exigente componente prática, mandou fazer uma grande mesa circular, com tampo rotativo, para as aulas práticas das disciplinas de *Pré-História* e de *Arqueologia*. Essa mesa ainda existe, no Museu Nacional de Arqueologia, então organismo anexo à Faculdade de Letras, onde as referidas aulas tinham lugar. No ano lectivo seguinte, assumiu a regência da disciplina de *Pré-História*, que manteve por sete anos, tendo, entretanto, acumulado em alguns anos com as de *Antiguidade Oriental*, *Numismática* e *História da Arte*, esta última depois da doença que atingiu o Prof. Mário Chicó.

Durante esse percurso como docente universitário, realizou no Museu Nacional de Arte Antiga o curso de Conservadores dos Museus Palácios e Monumentos Nacionais. Cabe aqui referir um episódio que lhe ouvi: no exame oral, para discussão do trabalho que submetera a apreciação, intitulado *O pintor Sousa Lopes*, o Prof. Manuel Heleno, conhecedor da personalidade forte do examinando, excedeu-se, deliberadamente, na forma do diálogo: isso provocou imediata reacção, de sinal contrário do examinando, manifestando-se este disposto a abandonar o exame. Quando tudo parecia perdido, aguardando-se, no exterior, o previsto veredicto negativo do júri presidido pelo Dr. João Couto, para surpresa de todos, Farinha dos Santos foi distinguido com a mais alta classificação. Inquirindo depois o Professor Manuel Heleno sobre as razões de tão insólito desfecho, este respondeu-lhe que, conhecendo muito bem a sua frontalidade, decidiu espicaçá-lo para, deste modo, melhor sobressaírem as suas qualidades de rigor e a segurança dos conhecimentos. A classificação obtida, de dezoito valores, valeu-lhe ser nomeado depois professor daquele curso e, em 1968, Director do Panteão Nacional, cargo de que iniquamente foi saneado em 1975, para ser reintegrado na mesma categoria em 1982, mas não ressarcido de todos os desgostos sofridos.

Entretanto, nos finais da década de 1970 despontavam as primeiras tentativas de ensino particular e cooperativo universitário. Não admira que o Prof. Doutor Joaquim Veríssimo Serrão o tenha convidado, para com ele erguer, na Universidade Livre, a Licenciatura em *História*, cujo primeiro ano de funcionamento remonta a 1977/1978. Ali regeu as disciplinas de *Arqueologia*, e de *Epigrafia e Numismática Greco-Romanas*. Houve oportunidade de trocar impressões com alunos seus, nesta fase de arranque do ensino universitário particular em Portugal. Todos salientaram a visão do Professor, que entendia que a Arqueologia, para ser bem ensinada, deveria ser obrigatoriamente acompanhada de aulas práticas, de preferência no campo, que é onde tudo deve começar. As suas escavações eram, assim, um modelo de rigor, correspondente à aplicação da metodologia previamente ensinada, com benevolência e precisão, onde à serenidade se irmanava indisfarçável entusiasmo; mas era exigente, consciente de que só um bom ensino poderia formar profissionais competentes. Ao contrário de muitos outros arqueólogos, não temia que os seus alunos procurassem outros colegas para, em trabalhos de campo mais ou menos prolongados, aperfeiçoarem os conhecimentos consigo aprendidos: incentivava mesmo essa procura, testemunhei pessoalmente, ao receber muitos deles, em escavações por mim orientadas.

Em 1986 tornou-se cooperador-fundador da Universidade Autónoma de Lisboa, tendo leccionado até ao ano lectivo transacto a disciplina de *Pré-História* e, até ao seu falecimento, o *Seminário de Arqueologia*. Ali desempenhou, sucessivamente, as funções de Assistente, de Professor Extraordinário e de Professor Catedrático Convidado. A investigação, que sabia dever acompanhar de perto o ensino, tanto da parte dos docentes como dos discentes, promovendo nestes a curiosidade e o desenvolvimento de iniciativas susceptíveis de fazerem despontar os mais capazes, levou-o à criação do *Centro de Estudos Arqueológicos* da Universidade Autónoma de Lisboa, de que foi o primeiro Director, ao abrigo do qual muitos trabalhos de campo se fizeram. A excelência do seu labor, *inclusive* nas múltiplas tarefas de gestão que os docentes se vêm obrigados a aceitar, justificou o público louvor, do então Director do Departamento de *Ciências Humanas*, Prof. Doutor Armando Luís de Carvalho Homem, do seguinte teor:

“Tendo cessado funções no passado dia 24, como Subdirector do Dep. de *Ciências Humanas* para o Curso de *História*, o Prof. Dr. Manuel Farinha

dos Santos, hei por bem louvá-lo publicamente, destacando a extrema dedicação e empenho com que, ao longo de cerca de 4 anos, exerceu os cargos de Vogal do Dep. de *História* (1991-1992) e Subdirector do Departamento de *Ciências Humanas* para o Curso de *História* (1993-1995). Lisboa, 26 de Julho de 1995”.

Verdadeira figura de referência, por quem os alunos sentiam genuína admiração e de quem sempre receberam palavras de estímulo, despertava vocações, sempre com o espírito atento e disponível, concedendo apoio objectivo a todos os que o procuravam para progredirem nos seus trabalhos: a sua biblioteca pessoal encontrava-se franqueada a quem dela tivesse necessidade. A sua acção prestigiou o ensino da Arqueologia em Portugal, que o mesmo é dizer, a Universidade Autónoma de Lisboa.

Estas qualidades, que distinguem o simples professor, enquanto mero agente transmissor de conhecimentos, do Mestre prestigiado criador de Escola, justificou a homenagem de que foi alvo, por parte da Universidade que serviu, a 28 de Maio de 1998. Repleto o auditório do pólo da Boavista, a saudação esteve a cargo do Reitor, Prof. Doutor Justino Mendes de Almeida, que significativamente a intitolou “Manuel Farinha dos Santos: uma vida consagrada à Arqueologia (40 anos de actividade cultural)”. Nesta cerimónia, o papel de sua Esposa foi convenientemente salientado; a sua inquebrantável dedicação, mesmo nas horas amargas, constituiu o principal sustentáculo anímico de Farinha dos Santos, e explica, em grande parte, a grandeza da obra e a simplicidade do Homem.

Com o surto de desenvolvimento tecnológico e industrial que o País conheceu nos inícios da década de 1970, a sua visão dos acontecimentos, servida por um espírito objectivo e sempre atento, manifestou-se de forma inovadora e, como sempre, com resultados práticos positivos. Refiro-me à criação do *Grupo de Trabalhos de Arqueologia* do Gabinete da Área de Sines, em Junho de 1972, que dirigiu até 1974. É escusado salientar o pioneirismo desta iniciativa, a primeira que, com bases, se organizou a nível nacional, com o objectivo de estudar, valorizar e divulgar o património arqueológico de uma vasta área, interessada pela construção do complexo urbano-industrial e portuário de Sines. Foi então organizado um ambicioso programa de trabalhos, que passaram pela aturada prospecção de campo e pela escavação sistemática das estações mais importantes.

Hoje, quando a chamada “Arqueologia de Salvamento” e os estudos de impacte ambiental estão na ordem do dia, incluindo a componente arqueológica, não será de mais salientar o esforço solitário de há precisamente trinta anos: já então o Professor Farinha dos Santos tinha posto em prática idêntica tarefa, que hoje se nos afigura desmesurada para tão limitados recursos, mas cujo êxito se encontra plenamente demonstrado pelos resultados do trabalho desde então desenvolvido, por si e pelos seus valiosos colaboradores.

Durante dez anos, de 1964 a 1974, foi vogal da sub-secção de *Arqueologia* da Junta Nacional da Educação, órgão consultivo do Ministério da Educação Nacional. Os numerosos pareceres por si apresentados, sempre gratuitamente, mostram bem a ponderação e equilíbrio com que eram elaborados, com a preocupação primordial da defesa do nosso património arqueológico, que o aludido surto de desenvolvimento punha cada vez mais em causa.

A salvaguarda deste rico manancial, ainda quase totalmente por estudar, sabia que só se poderia fazer com base na instrução generalizada de todas as classes sociais, a quem deveria chegar informação acessível, mas carregada de forma exacta e rigorosa, como era seu timbre. Assim se explica as dezenas de programas sobre *Arqueologia* que proferiu aos microfones da Emissora Nacional e, mais tarde, sob a forma de entrevistas na Televisão, as múltiplas conferências e palestras que apresentou por todo o País, sempre que era para tal convidado, numa tão notável quanto desinteressada actividade de extensão cultural e, sobretudo, a direcção das colecções da Editorial Verbo “História Mundi” e “Biblioteca das Civilizações Primitivas”, no âmbito das quais saíram, respectivamente, 40 e 14 volumes. Este esforço extraordinário de fazer chegar a preços acessíveis e à generalidade de uma população pouco letrada, mas cada vez mais interessada em conhecer as suas próprias raízes, beneficiou muitos e muitos daqueles que, hoje, fazem da *Arqueologia* a sua actividade de todos os dias. Jamais esquecerei a leitura, de duas notáveis obras de síntese, uma dedicada à Pré-História da Península Ibérica, *Espanha e Portugal*, da autoria de H. N. Savory, outra intitulada *Portugal Romano*, de Jorge de Alarcão, ambas publicadas na primeira daquelas colecções, as quais, por muitos anos, foram os esteios de quem pretendia obter conhecimentos em tais matérias. Verdadeiramente de iniciação foi o livro, por si especialmente escrito para a segunda daquelas colecções, intitulado *Pré-História de Portugal*, com três edições (1972, 1974 e 1985), que marcou uma época. Ali se revelou, para

muitos, pela primeira vez, como foi o meu caso, ainda aluno do 5.º ano do Liceu Normal de Pedro Nunes, o portentoso passado pré-histórico de Portugal. Elaborado com os objectivos já aludidos, servido por escrita tão despreziosa quanto cuidada e acessível, constituiu contributo inestimável cujas consequências para o conhecimento e defesa do nosso património, pelas vontades e interesses que conseguiu mobilizar por todo o País, a começar pelos investigadores locais, são hoje impossíveis de contabilizar.

Nessa linha de preocupações pela formação de todos os portugueses, se inscreve a leccionação, entre 1966 e 1972, de diversos cursos livres de *Iniciação à Arqueologia*; em 1972, tive o privilégio de escutar o Mestre pela primeira vez, no *Centro Piloto de Arqueologia* do Secretariado para a Juventude do Ministério da Educação Nacional, instalado no rés-do-chão deste mesmo palácio onde nos encontramos. Foi ainda com aquele superior objectivo, que abraçou entusiasticamente o projecto dirigido pelo Professor Doutor Joaquim Veríssimo Serrão, dos Cursos Livres de Santarém, nos inícios da década de 1980, abertos a todos os que pretendiam aumentar e melhorar os seus conhecimentos no domínio da História de Portugal, nos quais regeu, aos sábados, as disciplinas *Iniciação à Arqueologia do Ribatejo*, *Iniciação à Arqueologia da Península Ibérica* e *Arqueologia Romana em Portugal*.

Mais tarde, na Universidade Autónoma, promoveu o *Curso de Especialização em Arqueologia*, com duas edições, em 1990/1991 e 1991/1992 e, mais tarde, os Cursos Livres *Arqueologia da Estremadura*, em 1997/1998 e *Arqueologia de Portugal*, sempre com o propósito de fazer chegar a todos os interessados – e muitos foram – uma informação actualizada sobre o muito que, em Portugal, se ia fazendo no domínio em apreço.

A qualidade do seu trabalho foi desde cedo reconhecida além fronteiras. A convite do Prof. Martín Almagro, proferiu duas conferências na Universidade Complutense de Madrid e uma outra no CSIC. As relações de amizade com os mais eminentes arqueólogos do país vizinho, entre outros o Prof. Francisco Jordá-Cerdá, catedrático de *Arqueologia* da Universidade de Salamanca, reverteram a favor de terceiros, com a viabilização do doutoramento em *Arqueologia*, naquela Universidade, de diversos discípulos, e em benefício da sua própria Universidade, como a recente criação dos cursos de Mestrado e de Doutoramento em *Arqueologia*, em parceria com aquela prestigiada Escola espanhola, bem evidencia.

Há realmente pessoas que, pela sua actividade empenhada e desinteressada em prol de uma causa comum, servida por uma lógica, uma estratégia e uma vontade determinantes, se tornam, em dadas épocas, indispensáveis à vida normal de muitas instituições, em especial as que perseguem fins puramente científicos.

A visão estratégica que Manuel Farinha dos Santos, antecipando os próprios acontecimentos e encontrando-se, deste modo, preparado para os resolver na altura própria, encontra-se expressa, não só na criação do *Grupo de Trabalhos Arqueológicos* do Gabinete da Área de Sines, mas também na prioridade dos trabalhos arqueológicos a desenvolver no âmbito da construção da barragem de Alqueva, de que foi um dos primeiros, senão o primeiro a chamar a atenção: remonta a 1976 preclaro depoimento, intitulado “Salvamento arqueológico da área a submergir pelo conjunto do Alqueva”, publicado em quatro números sucessivos, de 10 de Março a 21 de Abril do jornal eborense “A Defesa”. Todos nós tivemos conhecimento das recentes polémicas suscitadas a propósito do estudo científico deste património arqueológico; no entanto, poucos saberão que, há já mais de um quarto de século, Farinha dos Santos tinha chamado a atenção para o problema, quando a construção da obra era ainda mais do que incerta.

O Prof. Dr. Manuel Farinha dos Santos desapareceu definitivamente do nosso convívio. Mas esse desaparecimento foi apenas físico. Na verdade, os homens só morrem quando deles tiver desaparecido a recordação de quem os estimou e respeitou em vida, procurando seguir a lição de probidade, criatividade, dignidade e dedicação a um ideal, qualidades que foram expressas ao mais alto grau, pelo Mestre e Amigo. Dele brotavam naturalmente a simpatia do trato e a genuína alegria, que transbordava com os êxitos dos seus discípulos ou amigos, como se fossem seus: e eram, na verdade seus, pelo muito que queria a todos eles. Não tive a sorte de ser seu aluno; orgulho-me, porém, de ter sido seu Amigo e colaborador próximo; e conto-me entre os seus admiradores sinceros, recordando, em cada dia que passa, o seu carácter digno, a lucidez e tenacidade na acção e a bondade da sua alma. Na ausência do Homem, permanece a Obra, constituída por mais de cento e cinquenta trabalhos publicados, relativos aos temas mais variados da *Arqueologia*, com destaque para os contributos publicados sobre temáticas que vão desde o Paleolítico Inferior, até à Numismática Romana, passando pela Arte Rupestre, Mesolítico,

Calcolítico, Idade do Bronze, Idade do Ferro, Época Romana, Cartografia Arqueológica, História da Arqueologia Portuguesa e Sínteses Regionais, com destaque para a obra de referência, já atrás mencionada, a *Pré-História de Portugal*, publicada pela Editorial Verbo. Fica, sobretudo, para todos aqueles que com ele privaram e aprenderam, de uma Vida íntegra, o exemplo de uma Vida digna, preenchida sem mácula.